



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO



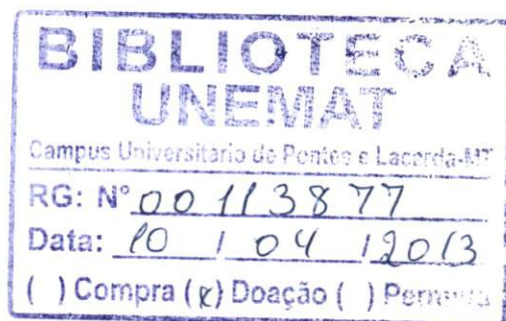
INSTITUTO DE LINGUAGEM

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CRISTIANO DUTRA DA SILVA

**AS REPRESENTAÇÕES EROTICAS NA POETICA DE
BERNARDO GUIMARAES**



PONTES E LACERDA/MT

2012/1

CRISTIANO DUTRA DA SILVA

**AS REPRESENTAÇÕES EROTICAS NA POÉTICA DE
BERNARDO GUIMARAES**

Monografia de conclusão de curso de graduação em
Licenciatura Plena em Letras, apresentada ao
Departamento de Letras (DL) da Universidade do
Estado de Mato Grosso-*Campus* Universitário de
Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a
obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientador: Prof.Me.Epaminondas Matos Magalhães

PONTES E LACERDA/MT

2011/2

Esta monografia foi apresentada perante a seguinte banca examinadora:

Prof. Me. Epaminondas Matos Magalhães

Orientador

Prof. Me. José Pereira da Silva Neto

Banca Examinadora

Prof. Dr. Hélvio Moraes Junior

Banca Examinadora

Dedicatória

Dedico este trabalho a meus pais, que sempre me apoiaram, ajudaram, e me deram força. Nos vários momentos em que o desânimo abalou minha estrutura, eles me sustentaram para que subisse mais um degrau nas escadas do conhecimento.

Agradecimentos:

Agradeço muito a Deus por tudo que me fez e faz todos os dias, pela vida, pelas oportunidades e principalmente por ter me dado a oportunidade de adquirir sempre mais conhecimento. A toda minha família, que direta ou indiretamente me ajudaram. A minha namorada, Jhébica Mara por me ajudar com seu apoio e sua compreensão. Meus bons amigos, que são muitos e não dá pra citar todos os nomes, mas alguns se fazem necessário citar, Mirian Alves Leal, Maria de Lourdes, Amilton Cesar Montany, Cesar Augusto Crespim, Fabio Chaves, Pâmela Morinigo e Marilene Pain, destes uns me ajudaram dando força, e outros me ajudaram me chamando para beber para não ficar louco, muito obrigado à todos, incluindo meu orientador e amigo Epaminondas Matos que não me deixou desistir e me guiou pelos caminhos do conhecimento.

Por fim quero agradecer a cervejaria Brahma, por produzir este liquido sagrado que em tantos momentos me fez relaxar e não mais pensar em desistir.

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar como se apresenta o erotismo em duas obras do escritor brasileiro Bernardo Guimarães, *O Elixir do Pajé* e *A Origem do Menstruo*, obras essas que apresentam uma linguagem vulgar e, que a princípio, dão a impressão no leitor de serem textos pornográficos, daí a relevância destas discussões, objetivando analisar de uma forma geral o texto literário bem como diferenciar pornografia e erotismo para dar sustentabilidade à hipótese, dos poemas, serem textos literários eróticos e não pornográficos.

Palavras Chave: Bernardo Guimaraes, pornografia, erotismo

Abstract

The objective of this work is to show how it presents the eroticism in two works by Brazilian writer Bernardo Guimarães, *The Elixir of the Shaman* and *The Origin of menstruation*, these works that present a vulgar language, and that principle, give the reader the impression of being pornographic texts, hence the relevance of these discussions, aimed at analyzing a literary text in general as well as differentiate between pornography and erotica to give sustainability to the hypothesis, poems, literary texts are erotic and not pornographic.

Keywords: Bernardo Guimaraes, pornography, erotica

SUMÁRIO

1 Introdução.....	8
2 Capítulo I “Sob o signo do erotismo e da pornografia na literatura.”.....	10
3 Capítulo II “Bernardo Guimarães: um romântico as avessas”.....	20
4 Capítulo III “Nas malhas do erótico: as intenções, o desejo e o poematico.”.....	25
5 Considerações finais.....	37
6 Referencias.....	38

INTRODUÇÃO

Freqüentemente pornografia e erotismo são erroneamente confundidos, isso porque as diferenças que distinguem um do outro são mínimas, no entanto, elas existem. Na literatura essas diferenças somente são vistas com uma leitura minuciosa do texto, pois é necessário o embasamento teórico para que se possa, verdadeiramente, fazer essa distinção.

Após conhecer os poemas de Bernardo Guimarães, *O elixir do pajé* e *A origem do menstruo*, notei que diferente do que eu e a grande maioria dos leitores destes poemas imaginavam, que não se trata somente de poemas com teor cômico e com palavras vulgares (pornográficas), por isso me propus a observar a fundo os poemas acima citados, me embasando teoricamente, para analisar as diferenças entre o erotismo presente nos poemas e a mera pornografia.

No primeiro capítulo, busco discutir as teorias, bem como diferenciar pornografia e erotismo, mostrando como estes funcionam em textos literários. Para isso uso teóricos como: Francesco Alberoni (1988), Rodolfo A. Franconi (1997), Jesus Antônio Durigan (1986), dentre outros. Dentro dessa distinção entre erotismo e pornografia fez-se necessário, também, discutir como homens e mulheres encaram o universo erótico, bem como a relação sexual como um todo.

No segundo capítulo, procuro fazer uma pequena biografia de Bernardo Guimarães, bem como apresentar suas principais obras, principalmente, as que formam o *corpus* do nosso trabalho. E dentro dessa apresentação mostrar como foi a publicação das mesmas, além de explicar como e porquê estas foram censuradas, e discutir como alguns teóricos enxergavam a poesia de Guimarães. Na sequência, discorro sobre como foi o período romântico no Brasil, apresentando quais eram as principais características das obras filiadas a este período e, por fim, faço uma interface entre os dois poemas de Bernardo à algumas obras de outros autores do romantismo.

Por fim, no terceiro capítulo, faço um estudo aprofundado dos dois poemas, *Elixir do Pajé* e *A Origem do Menstruo*, mostrando como estes se constituem, buscando argumentos que comprovem o erotismo nos mesmos.

CAPITULO I

SOB O SIGNO DO EROTISMO E DA PORNOGRAFIA NA LITERATURA

O erotismo é uma das bases do conhecimento de nós próprios, tão indispensável como a poesia.

Anais Nin

De antemão, faremos uma exposição acerca dos conceitos de erotismo e pornografia para posterior análise do *corpus* de pesquisa desse trabalho: *O elixir do Pajé e A origem do menstruo*, de Bernardo Guimarães.

Os conceitos de pornografia e erotismo são de forma errônea confundidos, estes estilos de textos são muito divulgados na atualidade entre os autores modernos, todavia as diferenças são mínimas, no entanto muito significativas, e na maioria das vezes passam despercebidas, somente com minuciosa pesquisa do texto literário podemos distinguir em qual definição este se enquadra: erótico ou pornográfico.

Segundo Alberoni (1988) na literatura, o *erotismo* se apresenta sobre o símbolo da diferença. Diferença esta, entre a ótica masculina e feminina de ver o erotismo, essa diferença é nítida quando observamos o seguinte exemplo: um homem qualquer ao ver uma mulher passando por uma rua observa na maioria das vezes seu corpo, mais precisamente as partes que ele acredita ser erógenas para mulher, como: seios, nádegas, pernas, púbis, não imaginando que a mulher sente se excitada com outras partes. Por outro lado, uma mulher ao observar um homem em uma festa, por exemplo, observa, principalmente, suas vestes, suas atitudes, tanto quanto a ela, como quanto aos outros à sua volta, sua forma de conversar e também seu cheiro, em suma tem uma forma diferente de encarar o possível companheiro.

Citando Sir Francis Galton, Alberoni (1988) afirma que a mulher é muito mais perceptível a pequenos estímulos eróticos, como: o toque na pele, o cheiro, a música, diferente do homem cujo erotismo é muito mais visual. Para ele o corpo feminino nu tem uma carga erótica altíssima, podendo deixá-lo totalmente excitado.

Segundo Faust (1981) talvez isso explique o grande sucesso de vendas das empresas de cosméticos que entendem essa necessidade feminina, esse fato pode ser explicado a partir da divisão do trabalho que vem sendo diminuída com o passar dos anos.



<http://www.mundodastribos.com/oleo-de-amendoas-paixao.html>

Analisando a propaganda acima, que apresenta uma conhecida marca de óleo corporal, podemos fazer as seguintes observações: essa empresa certamente entendeu a necessidade erótica feminina, pois como dissemos acima a pele é uma região altamente erógena para a mulher. Todavia quando uma mulher olha para essa propaganda ela vê primeiro uma atriz famosa, com uma pele muito bonita, além do enunciado que diz: “ Óleo de Amêndoas Paixão. Deixa sua pele como você e ele nunca viram igual”. A mulher que olha essa propaganda certamente imagina sua pele bonita como a da atriz, ela se inspira na imagem, lembrando que a posição social de destaque instiga a mulher, além do enunciado que diz justamente o que a mulher quer, provocar desejo no homem, se sentir aconchegante para ele, além da sensação de limpeza corporal que a propaganda transmite, lembrando que o corpo da mulher é um ícone do erotismo masculino.

Em alguns anos atrás era normal os homens serem atuantes no mercado de trabalho e as mulheres ficarem cuidando da casa, com isso, os homens com sua falta de tempo, devido ao cotidiano cheio de deveres, acabaram criando uma sensibilidade totalmente diferente da mulher, respondendo a outros tipos de estímulos, enquanto a mulher por ficar em casa cuidando

dos afazeres domésticos, cuidando de seu corpo e da beleza, aprendeu a reagir a estes estímulos, porém, com uma busca cada vez maior pela igualdade homens e mulheres tem cotidianos cada vez mais equiparados e cada vez mais sem tempo para a conquista, no entanto, nem tudo mudou.

Pensando com base na vida, há alguns anos atrás notávamos que homens com sua vida agitada e corrida, com seus compromissos do dia-a-dia, criaram uma forma de erotismo muito diferente das mulheres, para os homens o que vai definir se a parceira sexual é boa, mesmo antes da relação amorosa, é o visual, para ele a beleza externa define se a mulher compensa a conquista, por outro lado as mulheres com sua vida caseira, com seus afazeres domésticos, criaram uma forma de erotismo muito mais tátil, para ela o cheiro, a pele, o abraço, a conquista, a atitude fazem toda diferença.

A mulher quando inicia uma relação mais séria, tenta de todas as formas manter viva a atração de seu companheiro por ela, dessa forma, além de se cuidar para surpreender o amado, cuida também de sua casa como se fosse uma extensão de seu próprio corpo, numa luta incessante buscando inovar e criar no homem a sensação de novidade, afinal o homem busca sempre a inovação na relação amorosa.

Por outro lado encontramos a *pornografia* que segundo Alberoni (1988) faz parte do imaginário masculino (pg.12) é na forma masculina de pensar a conquista que se apresenta a pornografia, o homem fica deslumbrado com a nudez feminina e isso faz parte do seu universo erótico. Quando criança, muitos homens se excitavam com uma simples foto de mulher nua. Dessa forma, reafirmamos que o erotismo masculino é totalmente visual. Alberoni (1988) citando Alain Finkelkraut e Pascal Bruckner faz uma importantíssima definição do que é um conto pornográfico masculino:

A pornografia, observam eles, é um suceder de atos sexuais sem que necessariamente haja uma história. Os protagonistas masculinos não precisam fazer nada. Caminham por uma rua e uma mulher gostosa os leva para cama. No escritório, uma secretária se despe e, sem uma única palavra, inicia uma felação. A pornografia ostenta um universo fabuloso "no qual não se precisa mais seduzir para obter, no qual a concupiscência não se arrisca jamais nem a ser reprimida nem a ser rechaçada, na qual o momento do desejo se confunde com o da satisfação, ignorando com soberba a figura do Opositor (...). Os heróis pornográficos estão milagrosamente isentos do dever de conquistar e de perder-se em prelúdios amorosos. (Alberoni, 1988, pg. 13)

Como podemos observar acima, nos contos pornográficos o homem vê o sexo como algo voraz, como um animal que sacia sua vontade sem que haja um envolvimento sentimental, ou seja, o homem procura sexo sem compromisso. Nesse tipo de texto a mulher quer o homem

apenas para o sexo e com um desejo insaciável de tê-lo sem nenhum tipo de compromisso posterior, não precisa existir uma história anterior à relação amorosa, a mulher tem os mesmos impulsos sexuais dos homens, elas existem para e pelo sexo, aceitam tudo e sentem as mesmas vontades que os homens sempre sentiram. Para o homem, o sexo deve ser algo que foge a todas as regras sociais, tais como: casamento, envolvimento amoroso e, principalmente, cotidiano.

Nos romances voltados para os homens, nos personagens masculinos, há sempre um decréscimo no desejo pela mulher após o ato sexual, apenas nos casos em que a mulher é o grande amor dele o homem a abraça após o sexo, ao contrário disso a mulher sente vontade de abraçar o homem depois da relação sexual, isso porque seu orgasmo é prolongado e quando o homem se afasta dela, depois da relação amorosa, ela se sente rejeitada, ou seja, existe uma contraposição: contínuo (mulher), descontínuo (homem) essa é uma importante diferença entre o erotismo feminino e masculino.

Outra diferença ressaltada por Alberoni (1988) é que a mulher se sente muito mais atraída por homens que ocupam posição social importante, ela se sente atraída por aquele homem que se sobressai aos outros, prova disso é o desejo feminino de ter homens famosos como jogadores conhecidos, atores ou cantores, não unicamente por sua beleza, mas pelo local de destaque que ele se encontra, elas se sentem atraídas de tal forma que podem desprezar qualquer outro homem que esteja a sua volta estando diante do ídolo, todavia a mulher sente apenas uma atração erótica pelo ídolo, e não um enamoramento, por isso nos *romances cor-de-rosa* existe sempre um protagonista que se destaca dentre os outros homens por sua astúcia ou sua condição financeira, a mulher se sente atraída pela posição de destaque deste, enquanto que a mulher que esta enamorada por um homem se preocupa apenas com as qualidades dele, como caráter, honestidade e outros. Segundo esse autor a liderança masculina inspira masculinidade, diferente disso o homem para desejar uma mulher apenas olha sua beleza externa e não seu status social, Alberoni (1988) afirma que um homem pode até achar uma mulher famosa bonita, mas jamais menospreza outra que seja tão bonita quanto ela. O homem se sente atraído pela beleza física da mulher e não pela posição social por ela ocupada, para o autor esse é um ponto que difere visivelmente o erotismo masculino do feminino.

Faz parte do universo erótico literário masculino a busca por mais de uma mulher, diferente da mulher que busca um parceiro para um relacionamento duradouro, o homem da sua vida. Segundo este autor (idem) isso não quer dizer que o homem não possa em alguma hora buscar um relacionamento estável, nem tão pouco que a mulher jamais queira uma relação

amorosa casual, porém, para ela, mesmo sendo uma relação sexual casual, procura deixar sua marca, deixar lembranças no parceiro momentâneo, quer que ele a deseje novamente, mesmo sendo sexo sem maiores compromissos, ela espera um telefonema no dia seguinte talvez somente para sentir que deixara saudades, diferente do homem que apenas quer, no apogeu da individualidade, saciar seu desejo de sexo.

A mulher busca sempre uma maior virilidade de seu parceiro, mas isso não quer dizer que ela procura apenas para saciar seu desejo, ela o busca porque com uma ereção prolongada o homem a faz sentir amada e desejada, pois segundo Alberoni (1988) a descontinuidade após a relação amorosa é frustrante para a mulher, faz ela se sentir vazia e inútil, dessa forma, quanto mais demorado for o orgasmo masculino maior a sensação de os dois serem um só. Ao contrário do que acontece com a mulher, para o homem o que importa é a intensidade do ato sexual e não sua duração *na vertente masculina do erotismo, ao contrário, o que conta é a intensidade do encontro sexual. (idem, pg. 41)*

Muito distante dessa continuidade almejada pela mulher o homem é totalmente contrário as regras estabelecidas pela ética, pois o normal seria ver a mulher como fim e não como meio e é assim que o homem a vê, ou seja, a mulher é apenas um meio de satisfazer sua vontade sexual, o homem foge de todo e qualquer compromisso, ou vínculo, ele apenas quer o prazer ofertado pela mulher e não o futuro por ela sonhado é justamente esse tipo de prazer que se encontra nas histórias fictícias masculinas, isso mostra o delírio de homens por atrizes do tipo decididas que não busca compromisso, que não precisa do homem para um futuro, quando ela o quer é apenas sexo nada mais. Grande maioria dos homens trai suas mulheres com frequência, pois segundo Alberoni (1988) ele trai não por estar interessado na amante, mas sim para alimentar sua ilusão de se sentir livre, fora do seu compromisso e suas responsabilidades.

A ética como o amor, é vínculo, compromisso, continuidade. A liberdade do erotismo masculino pretende, ao contrario, recusar aquilo que é desagradável, que ofende, que irrita. Quer sempre ter o direito de poder escolher, elogiar, recompensar quem lhe dá prazer e de poder descartar, deixar de lado quem não lhe dá. (ibidem, pg 62)

Alberoni (1988) afirma que *o erotismo pressupõe a ausência de preocupações com a pessoa que se esta relacionando.* (pag. 63) Dessa forma, podemos entender o porquê de grande parte de homens casados procurarem mulheres de programa, pois elas além de entender a vontade do homem, oferecem sexo sem compromisso, sem cobranças e, principalmente, sem problemas, pois não existe com elas uma vida conjugal com problemas e discussões.

Alberoni (1988) partindo de uma fala de Li Yü, que retrata que o erotismo é visto como um período de erro em que o homem vive de forma depravada, refuta-a estabelecendo que tal afirmação é uma hipocrisia, pois o erotismo consiste em uma fuga dos problemas cotidianos como meio de refúgio da vida em sociedade, no final o erotismo deve ceder lugar ao compromisso e o amor. Outro ponto importante no universo erótico masculino é a sedução, para este o ato de seduzir uma mulher causa-lhe grande alegria, não por se sentir superior, mas sim maravilhado com a conquista da mulher desejada

Quando se fala em erotismo é indispensável falar sobre o tema promiscuidade, este segundo dicionário Michaelis é intercuro sexual indiscriminado sem ligação permanente, dito isso voltamos ao desejo masculino de ter várias mulheres na cama sem muitas complicações, a promiscuidade é o excesso do desejo sexual masculino.

Segundo Alberoni (1988), os excessos do desejo sexual masculino podem ser perceptíveis na forma das orgias que só são possíveis quando há entrega total dos participantes, todos estão dispostos a dar prazer e o receber em troca, suprimindo todo ciúme e egoísmo de querer somente um parceiro fiel. Alberoni (1988) afirma que *a situação orgiástica é uma forma bastante particular de erotismo.*

Há nas relações eróticas um paradigma entre unidade e pluralidade, afinal o múltiplo é alimento do erotismo, não se trata, pois de multiplicidade de parceiros, mas a necessidade de se viver várias formas de erotismo e isso pode ser encontrado em um mesmo parceiro, afinal, o cotidiano/rotina é inimiga do erotismo.

Alberoni (1988) citando George Bataille, afirma que:

existem na natureza duas forças. Uma que tende ao individualismo, e o indivíduo quer sobreviver. A outra que tende a fusão e, dessa maneira, à decomposição do indivíduo, à sua morte. Esta segunda força é a violência. No erotismo as duas operam. O indivíduo quer permanecer ele mesmo e, todavia fundir-se com outro. Mas no mais profundo do ser a fusão permanece como destruição, violência, morte. Sade não fez outra coisa – na opinião de Bataille – que exasperar este pólo dialético do erotismo. O erotismo é sempre, portanto, transgressão, violência, profanação, vontade de anular-se e de anular. (ibidem, pg 76)

A partir dessa definição de Bataille, quanto ao erotismo, podemos fazer algumas pontuações: no que tange as duas forças existentes na natureza, podemos observar que, não se trata de “decomposição do indivíduo”, pois quando o ser humano se funde a outro, não existe uma anulação de nenhum dos dois, mas uma criação de um outro ser que nasce a partir da relação amorosa entre os dois e não se trata de uma criança, mas de duas pessoas que se

transformam em um só com um único objetivo, dar e receber prazer, sem se importar com as leis sociais previstas para as relações amorosas, afinal o erotismo segue suas próprias regras.

Não podemos ver o erotismo como violência ou até mesmo algo imoral, mas um jogo de interesses no qual a mulher busca um relacionamento sério, na maioria das vezes, enquanto o homem busca apenas o prazer, e os adeptos da orgia, que apenas querem dar e receber prazer, nesse último os indivíduos segundo Alberoni (1988) são anulados, não existe mais status social, relação de interesse, somente a vontade coletiva de ter e dar prazer, assim também o erotismo não é imoral, apenas não segue as regras sociais. Ao contrário do que afirma Bataille, não se trata de duas forças existentes na natureza, que segundo ele são: a força que leva o ser a continuar sóbrio e sozinho e a segunda que trata da morte do indivíduo a partir da fusão com outro, mas como diz Alberoni (1988) há duas raízes do erotismo: a mulher que quer fixar raízes profundas e construir um futuro e a outra do homem que fixa raízes rasas, que na maioria das vezes busca apenas o prazer momentâneo.

Vários e importantes escritores mundo a fora usaram de textos literários eróticos para dizerem as mais diversas coisas aos leitores, uns para denunciar problemas sociais, outros para mostrar a realidade, talvez por essa verdade ter sido escondida por outros autores. Isso se explica pelo fato do texto erótico ser algo que instiga o homem de maneira geral, tornando esse tipo de texto atrativo e assim alcançando um maior número de leitores.

Dentre esses autores encontramos Manuel Du Bocage que escreveu vários poemas eróticos por volta do século XVI, dentre esses encontramos o poema:

SONETO DE TODAS AS PUTAS
Não lamentos, ó Nize, o teu estado;
Putas tem sido muita gente boa;
Putíssimas fidalgas tem Lisboa,
Milhões de vezes putas tem reinado:
Dido foi puta, e puta d'um soldado;
Cleópatra por puta alcança a c'roa;
Tu, Lucrecia, com toda a tua proa,
O teu conno não passa por honrado:
Essa da Rússia imperatriz famosa,
Que inda ha pouco morreu (diz a Gazeta)
Entre mil porras expirou vaidosa:
Todas no mundo dão a sua greta:
Não fiques pois, ó Nize, duvidosa
Que isso de virgo e honra é tudo peta.
(Manuel Du Bocage. Século: XVI)

Ao observarmos o poema acima, notamos que mesmo no século XVI Bocage já se atentava para uma forte crítica quanto aos vários vícios e desvios nas mais diversas esferas da

sociedade mundial, mesmo com uma linguagem vulgar e depreciativa como; puta, conno, porra e greta, notamos o erotismo e não a pornografia presente no texto pois não temos apenas uma sucessão de *atos sexuais sem que necessariamente haja uma história* (Alberoni, 1988). Portanto, não se trata de pornografia na medida em que a real função do texto não é necessariamente atentar o leitor para as palavras tidas como vulgar, mas sim denunciar os defeitos de *fidalgas de Lisboa*, em suma, observamos que existe uma história por trás do poema erótico e não um emaranhado de palavras vulgares, apenas.

Outro ponto que sustenta a afirmação do poema ser erótico e não pornográfico é a rima encontrada no encontro de palavras como: *gente boa* e *Lisboa*, bem como: *reinado* e *soldado* presentes no final da primeira e começo da segunda estrofe e também a junção de *gente boa* *Lisboa* e *c'roa* estas situadas na primeira, segunda e terceira estrofe. Usando da fala de Alberoni, *parece também que as mulheres, eroticamente, são muito mais sensíveis ao ritmo, à musica, aos sons. Resumindo, o erotismo masculino é mais visual, mais genital. O feminino, mais tátil, muscular, auditivo, (...) (pg. 10)*, diante do exposto, podemos afirmar que é possível observar que esta musicalidade existente na rima das palavras no texto poético, faz parte do universo erótico feminino e não pornográfico, pois este instiga a leitora pela carga erótica das palavras e pela rima encontrada, em suma à musicalidade da suporte ao erotismo.

O uso de palavras tidas como vulgares no poema, se explica ao ponto em que chamam a atenção do leitor para o texto, para que então este possa descobrir a grande crítica que fora mascarada pelo tom erótico do mesmo, além de que o uso destas palavras dão ritmo e musicalidade ao poema.

Outro poema de Bocage que faz parte do universo literário erótico é o *Soneto Do Velho Escandaloso*, este como no primeiro, usa de termos vulgares para chamar a atenção do leitor e mesmo assim se sustenta como erótico e não pornográfico.

SONETO DO VELHO ESCANDALOSO

Tu, ó demente velho descarado,
escândalo do sexo masculino,
Que por alta justiça do Destino
Tens o impotente membro deceppado!
Tu, que, em torpe furor incendiado
Soffres d'impia paixão ardor maligno, [ímpia]
E a consorte gentil, de que és indigno,
Entregas a infructífero castrado!
Tu, que tendo bebido o menstroo imundo,
Esse amor indiscreto te não gasta
D'impia mulher o orgulho furibundo! [ímpia]
Em castigo do vicio, que te arrasta,
Saiba a ínclita Lysia, e todo o mundo

Que és vil por gênio, que és cabrão, e basta.
(Manuel Du Bocage século XVI)

Como podemos observar na poesia acima, não se trata apenas de um texto com palavras de baixo calão, pornográfico, mas uma poesia que usa desse erotismo para dizer algo a mais. Bocage como um dos grandes nomes da literatura mundial já no século XVI se atentava para esse tipo de “literatura mascarada”, digo isso no sentido de que o escritor usa palavras com uma carga erótica altíssima ficando a margem da pornografia, chamando a atenção do seu leitor para problemas que assolavam a população, através do pano de fundo erótico, Bocage denunciava os problemas sociais.

Com uma análise um pouco mais aprofundada do poema, percebemos que o foco central deste não é o retrato erótico, mas fala de uma doença venérea que assola a sociedade, demonstrando, já no século XVI, certa preocupação, com doenças que futuramente seriam problemáticas para nossa sociedade. Bocage diz isso quando afirma que *Soffres d'impia paixão ardor maligno, [ímpia]* esta doença é fruto da vida sexual sem nenhum tipo de responsabilidade, *Tu, ó demente velho descarado, escândalo do sexo masculino, Que por alta justiça do Destino Tens o impotente membro deceppado!* Quando Bocage diz, “por alta justiça do destino”, fica evidente seu teor de denúncia em relação a uma vida sexual desenfreada. Podemos observar também como é o meio de transmissão desta, *Tu, que tendo bebido o menstuo imundo*, como podemos ver o velho doente teve relação sexual com uma mulher que sofria com a doença, e ainda discute as conseqüências que essa doença acarreta, *tens o impotente membro deceppado!*.

Neste sentido, o autor apresenta, primeiramente, o erotismo para mostrar um universo de outras informações, fazendo com que o erótico não seja o foco principal, mas um meio para se chegar à informação final. Dessa forma, esse poema de Bocage também se sustenta como erótico, por não tratar apenas de áreas erógenas masculina, mas há um enredo, com informações de cunho moralizante, de certa maneira, por traz da presença do erótico.

CAPITULO II

BERNARDO GUIMARAES: UM ROMANTICO AS AVESSAS

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo. Porque os corpos se entendem, mas as almas não. Manuel Bandeira

Bernardo Guimarães nasceu em Ouro Preto no estado de Minas Gerais, no ano de 1825, teve 8 filhos e se formou na faculdade de direito de São Paulo em 1847, onde viveu durante esse tempo uma vida boemia. Em 1852 se tornou juiz municipal de órfãos em Catalão estado de Goiás.

Deixou sua marca no período romântico nacional, vivendo a glória do reconhecimento com a obra *A Escrava Isaura* que teve e tem até hoje um enorme reconhecimento, sendo adaptada para o cinema e a telenovela e retransmitida em vários países, esta conta a história de uma escrava branca bem educada, de caráter nobre, que sofria com um senhor Leôncio, autoritário e cruel. Mas, Bernardo Guimarães, por outro lado viveu a censura com obras como: *O Elixir do Pajé* e *A origem do Menstruo* que tiveram suas publicações proibidas por serem consideradas obras pornográficas, no entanto, caíram no gosto popular como publicações clandestinas.

Antonio Candido (1993) faz uma importante ressalva quanto à poesia de Bernardo:

A poesia de Bernardo Guimarães lembra uma poupa saborosa envolvendo uma semente amarga. É saudável, equilibrada na maior parte e, de todo romantismo, a mais presa ao mundo exterior; aqui e ali, todavia, surgem traços de azedume que, nos casos extremos, vão ao satanismo e à perversidade, mostrando a marca do meio paulistano, onde firmou a vocação e foi um dos mais desordenados e pitorescos boêmios da tradição acadêmica. (CANDIDO, 1993)

Segundo Candido (1993) Bernardo não somente se prendia aos moldes românticos, fazia poesia “equilibrada”, ou seja, consciente, poesia com teor de denúncia, poesia paródica dos elementos exóticos e estereotipados do romantismo.

Bernardo Guimarães, na grande maioria de seus poemas sertanistas, se atentava a ambientação, havia sempre um pomar grande e frutífero, com grandes árvores, segundo Candido (1993) ele, como ninguém, seguia fielmente o meio rural e suas belas paisagens, para somente dentro desse ambiente apresentar os problemas de cunho social, tais como hierarquia, relações familiares e costumes regionais. Nas relações de amor, talvez por sua fidelidade de encarar a relação amorosa, como faria mais tarde os naturalistas, que vinculavam o sexo com uma visão pecaminosa e personagens que inspiravam pouco respeito, Guimarães encarava a relação amorosa de forma natural e necessária, embora inadequada para os parâmetros sociais da época, como nas relações entre um jovem padre com uma menina conhecida em tempos de meninos, ou na relação entre um jovem branco com uma mestiça, isso se explica devido à vida

boemia, que vivia em São Paulo durante seus tempos de faculdade, prova disso é quando Candido nos mostra uma história vivida por Couto Magalhães, futuro governador de Goiás, na casa de Bernardo:

Passando por Catalão, de viagem para o oeste, Couto de Magalhães pretendeu hospedar-se na casa do juiz municipal, antigo condiscípulo na faculdade de São Paulo. Apeou, entrou e pediu água: o dono da casa trouxe á num bule de orifícios mais o menos tapados com pedaços de cera: o amigo desculpasse, mas não tinha copo nem moringa. O futuro presidente de Goiás bebeu, agradeceu e, inferindo da amostra a organização doméstica do magistrado, foi pedir pouso noutro lugar... (Basílio de Magalhães, Bernardo Guimarães, págs. 35-37)

Se em vez de ordem e asseio, quisesse porém bom fumo, boa pinga, bom violão ou bom companheiro para caçar, pescar, nadar, varar campos, morros (como se depreende dum processo arquivado em tempo) outros divertimentos mais picantes, não poderia ter batido em melhor porta. (Candido, 1993, p. 212)

Guimarães, poeta filiado ao romantismo, segue basicamente a mesma linha de autores como, José de Alencar, embora haja em suas poesias aspectos que se diferenciam. Guimarães acompanha com várias de suas obras a linha sertanista, que segundo Alfredo Bosi (1994) trata da união entre a *cultura citadina e a matéria bruta do Brasil rural*. Guimarães não apenas se atenta a mostrar as belezas e o heroísmo de determinados personagens, mas mostrar ao seu leitor os vários problemas existentes na sociedade, bem como suas próprias inquietudes.

Bosi (1994) citando Nelson Werneck faz a seguinte afirmação:

Existe a preocupação fundamental do sertanista, que vem assim substituir o indianismo (...) tal preocupação importa em condenar o quadro litorâneo e urbano como aquele em que a influência externa transparece, como um falso Brasil. Brasil verdadeiro, Brasil original, Brasil puro seria o do interior, o do sertão, imune às influências externas, conservando em estado natural os traços nacionais. (BOSI 1994, pg. 141)

Como podemos analisar acima, Werneck fala que somente o romance sertanista poderia expressar verdadeiramente o Brasil, segundo ele, porque a mistura da paisagem rural com o personagem sertanista exprime melhor a idéia de Brasil que deveria ser mostrada, embora tenhamos grandes obras de cunho indianista, estas surgiram quando ao tentar se desprender da literatura européia, os escritores brasileiros começam a mostrar as belezas naturais do Brasil, tais como: a beleza das matas, e o índio como guerreiro valente. Assim fez José de Alencar mostrando o indianismo, como em *Iracema* e Gonçalves Dias em *I Juca Pirama*, no primeiro ele enfatiza a beleza da índia brasileira, bem como a valentia da grande nação tabajara, porém, apresenta esse índio cheio de bons modos, exótico mostrando o que havia de melhor no índio, deixando ainda transparecer traços de uma literatura européia. No segundo, ele também apresenta um índio guerreiro e virtuoso, mostrando o que havia de melhor no Brasil, em suma uma literatura totalmente filiada aos moldes românticos. Com uma visão um pouco diferente,

ao se aventurar pelos poemas indianistas, Guimarães apresenta à obra *O Elixir do Pajé*, um índio sem nenhum tipo de vestígio europeu, voraz, totalmente diferente do índio alencariano, ou seja, um índio que se desprende do período romântico nacional, pois segundo Coutinho (2002) dentro dos temas do romantismo existia, também, as orgias.

O espírito romântico tem a característica individualista que defende a libertação do poeta do mundo real para andar pelos caminhos místicos do sobrenatural guiado somente por sua imaginação vendo além da razão. Segundo Coutinho (2002) *daí o sendo do mistério, a atitude do sonho e melancolia, de angústia e pessimismo, que carregam para o romantismo os temas da morte, desolação, ruínas, túmulos, o gosto das orgias, e o mal do século*. Dentro das qualidades que caracterizam o espírito romântico ainda encontramos: o *Ilogismo, Senso do mistério, Escapismo, Reformismo, Sonho, fé, Culto da Natureza, Retorno ao passado, Pitoresco, Exagero*. (ibidem)

No Brasil o movimento anterior ao romantismo foi o arcadismo que por sua vez teve grande importância para a literatura nacional, pois segundo Coutinho é nele que nasce o germe da exaltação da natureza, que posteriormente viraria o principal tema da produção romântica no país. O romantismo, com sua liberdade de produção, conseguiu de forma fácil se adaptar a realidade nacional, com esse movimento os escritores brasileiros criaram traços nacionais próprios se desprendendo dos moldes europeus, com o desprendimento do neoclassicismo e a necessidade de uma literatura romântica brasileira, surge o indianismo defendido por autores como José de Alencar e Gonçalves Dias, a exaltação das belezas naturais e o heroísmo do povo nativo, ou seja, produtos genuinamente brasileiros, serviram para, verdadeiramente, criar uma identidade nacional.

Coutinho (2002) afirma que o grande nome entre os precursores do romantismo no Brasil era “Domingos José Gonçalves de Magalhães” conhecido como visconde de Araguaia. Em suas publicações, notava-se traços de uma poesia conservadora e até mesmo fiel aos moldes clássicos, no entanto, com a publicação de sua revista *Niterói* (1836) ele deixa claro sua vontade de libertação da literatura nacional, com isso política e literatura caminham juntas para a autonomia da cultura brasileira.

O romantismo viveu seu apogeu entre os anos de 1846 e 1856, no entanto, seu desenvolvimento foi gradativo e com os mais variados grupos de escritores em épocas diferentes variando os temas e intensidade da escrita, dentro destes temas encontramos a natureza e até mesmo qual a finalidade da literatura, tudo isso em defesa de uma escrita

nacional tentando de todas as formas o desprendimento da literatura portuguesa. As fases de desenvolvimento do romantismo no Brasil são: *Pré Romantismo 1808 – 1836. Romantismo, primeiro grupo 1836, segundo grupo 1840 – 1850, terceiro grupo 1850 – 1860, quarto grupo depois de 1860* (Coutinho, 2002). É nesse segundo grupo que encontramos a grande maioria dos autores que optaram pela exaltação da natureza e o indianismo, este visto como expressão do nacionalismo brasileiro, como símbolo do espírito nacional contra os moldes europeus de literatura, isso porque esse índio era apresentado como um ser livre no seu habitat natural, sem receber nenhum tipo de ordem.

CAPITULO III

NAS MALHAS DO EROTICO: AS INTENÇÕES, O DESEJO E O POEMATICO

É obsceno você viver como se tivesse conhecido tudo. Hilda Hilst (1930-2004) — em entrevista.

Neste capítulo buscaremos, especificamente, analisar o corpus de nosso estudo, *O Elixir do Pajé* e *A origem do Menstruo* de 1885. É importante destacarmos que estes poemas sofreram muito com a censura, em especial da igreja católica. Quanto a esse assunto é de fundamental importância destacar que a igreja desde muito tempo é vista como um grande opressor de obras que de alguma forma, segundo ela, poderiam influenciar a forma de pensar dos leitores, Jesus Antonio Durigan (1986) deixa isso claro quando propõe que:

O controle e as restrições aos textos considerados eróticos não são, todavia, acontecimentos recentes ou mesmo esporádicos. Nem tampouco privilégio exclusivo do Brasil. O grande censor da história, a Igreja Católica, já os situava no domínio das ideologicamente perigosas. Por isso, em 1371 repudiou e proibiu o *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, não apenas por reproduzir “a vida tal como era”, mas principalmente porque, com isso, ofendia profundamente a classe sacerdotal. Em 10 de agosto de 1797, Bocage foi encarcerado, daí por diante, em várias prisões portuguesas. (DURIGAN, 1986, pg. 22)

Estes poemas fugiam a todas as regras para a produção textual da época, mesmo com a liberdade de produção que defendia o romantismo, os poemas tiveram somente publicações clandestinas, e mesmo assim, alcançaram um grande número de leitores. O primeiro, *O Elixir do Pajé*, aborda o tema do indianismo e satirizava outros poemas indianistas da época, mostrando um índio totalmente diferente aos demais. Poemas como *I Juca Pirama*, *Os Timbiras e o romance-poético*, se assim poderíamos dizer, *Iracema*, que apresentavam índios guerreiros, defensores de sua tribo, cheios de qualidade, são ironizados em Bernardo Guimarães com seu pajé, herdeiro do elixir vindo do pajé bandalho, pois apresenta um índio que foge a essa regra, que não está nem um pouco preocupado com sua moral ou em defender sua tribo, sua única preocupação é fazer voltar seu vigor sexual. Por se tratar de um poema erótico, como discutiremos a seguir, produzido em 1875, em que sua publicação não estava de acordo com as regras impostas pela sociedade, para um texto literário, pois apresenta várias palavras tidas como vulgares, além de ferir totalmente os ideais defendidos pela igreja e que eram de certa forma, seguidos pela sociedade. Todavia, nem só as palavras levaram este poema a ser censurado, como também a relação de profanação que fere a moral religiosa cristã, através da sugestividade do pacto entre o pajé e o demônio.

*Um pajé sem tesão, um nigromante
das matas de Goiás,
sentindo-se incapaz
de bem cumprir a lei do matrimônio,
foi ter com o demônio,
a lhe pedir conselho
para dar-lhe vigor ao aparelho,
que já de encarquilhado,
de velho e de cansado,
quase se lhe sumia entre o pentelho.*

*À meia-noite, à luz da lua nova,
co'os manitós falando em uma cova,
compôs esta triaga
de plantas cabalísticas colhidas,
por sua própria mãos às escondidas.*

(Bernardo Guimarães, 1875, *O Elixir do pajé*, 6º estrofe)

A figura mítica do demônio dentro da concepção cristã é aquele que por meio da fraqueza ou dos desejos humanos, realiza-os em troca de algo. O pajé estava fraco e na necessidade de “cumprir a lei do matrimônio,” compôs este elixir a partir do pacto com o demônio, na ânsia de consumir seu casamento com o ato sexual, em troca ele oferece algo, como podemos observar:

*Eu te adoro, água divina,
Santo elixir da tesão,
Eu te dou meu coração,
Eu te entrego minha porra!*

(Bernardo Guimarães, 1875, *O elixir do pajé* 8º estrofe)

Outro ponto que podemos analisar alguns sentidos é quando o pajé cria o elixir. Há nessa criação um ritual demoníaco, através da referência noturna. A meia-noite, segundo o dicionário de símbolos Jean Chevalier e Alain Gheerbrant é que:

o meio-dia e a meia-noite são, como os solstícios no ciclo anual, os pontos de intensidade máxima (...)É por isso que na China o instante propício à concepção se situa no solstício de inverno e à meia-noite; e no ocidente o Cristo nasceu nesse mesmo solstício e à meia noite. (Dicionário de símbolos, 2002 Jean Chevalier e Alain Gheerbrant pg. 602)

Portanto, temos uma maior intensidade à meia-noite, assim aumentando o poder do elixir, por outro lado temos ainda um horário próprio para a fertilidade, como podemos ver acima, em suma, observamos que não é trivial que o pajé opte pela meia-noite para criar o elixir.

O símbolo da lua nova, segundo o dicionário de símbolos está ligado aos *estonianos*, os *finlandeses*, os *iacutos* que celebram os casamentos na lua nova. Para eles, também, ela é o símbolo da fecundidade. (*idem*, pg. 562) Todavia, à escolha da lua nova como noite ideal para o ritual de fabricação do elixir, remete a idéia de fecundidade e, portanto, o elixir seria o propiciador das relações sexuais que propiciariam esta.

Co'os manitós falando em uma cova, quando o eu lírico fala de manitós é, porque manitó significa; para os índios *algonquinos* o Manitó é a energia vital, imanente tanto nos homens quanto nos animais, nas plantas, (...) A soma dessa energia é o ser supremo. Grande

Manitó, que anima toda criação. (*ibidem*, pg. 588). Dessa forma, podemos notar que o pajé retirou toda energia vital das plantas para criar o elixir. Há, portanto, no poema, uma série de elementos simbólicos que vão muito além da idéia de pornografia, pois os sentidos de fecundidade e pactuação são emanados desses símbolos.

Com isso temos na 6ª estrofe do poema, vários sentidos, tais como: primeiro Guimarães apresenta o problema do pajé, *cumprir a lei do matrimônio*, logo após o pajé busca conselho ao demônio, símbolo do profano da perversidade; em seguida, apresenta o horário, à noite, que nos remete ao obscuro, o medonho, a magia, o proibido; *a meia-noite*, justamente quando se tem um símbolo de intensidade, e também horário de nascimento, assim vinculando o horário, a uma intensidade da fecundação; mas a frente temos o sentido de *lua nova*, esta significa símbolo da fecundidade, dando força ao elixir cuja função era voltar o vigor sexual de quem o usasse; mais a frente temos o sentido de *plantas* cabalísticas que se trata de algo vinculado a magia, ao enigmático, misterioso, por fim ele remete a *manitós* cujo sentido é a energia vital das plantas e mais, essa energia anima toda criação, portanto, observamos que Bernardo trás um jogo de símbolos para dar sentido ao poema erótico, diferente da pornografia cujo única finalidade é apresentar uma transa.

Como podemos ver também na 6ª estrofe, não somente as palavras, mas também o ritual pagão apresentado pelo eu lírico feriam a ordem e os bons costumes defendidos pela igreja, bem como toda sociedade, quando o eu lírico mostra essa espécie de pacto do pajé com o demônio. Tal postura também satiriza o índio em Gonçalves Dias e José de Alencar, que partindo do mito do bom selvagem, nos é apresentado cristianizado, em certa medida, o que Bernardo Guimarães procura fazer é representar através da sátira erótica o índio dentro de seu universo, sem os paradigmas das apreensões cristãs e européias.

Pensando também na vendagem dessa modalidade literária é importante destacarmos que nos poemas eróticos não se tem somente um ideário de rentabilidade, o compromisso do autor é com sua forma de pensar, diferente de revistas de sexo explícito que tem como principal função a geração de lucros, gerando milhões de reais todos os anos aos seus produtores.

Quando o eu lírico apresenta este elixir faz lembrarmos a prosa-poética *Iracema*, de José Alencar, que também mostra um elixir misterioso guardado pela própria Iracema, este era tratado como o segredo da Jurema e tinha funções alucinógenas. Não era como o elixir do pajé, mas de certa forma também influenciava quem o usasse. Quando tratamos o poema de Guimarães como uma sátira aos poemas indianistas, percebemos que o fato de também existir

um elixir no poema deste autor não é trivial, pois faz referência ao elixir criado por José Alencar em *Iracema*, claro, que neste sob os paradigmas divinizados dentro de rituais eufemizados acerca de suas propriedades, visto que este deve ser feito pela escolhida, sendo ela a virgem da tribo dos Tabajaras.

O outro poema de Guimarães que teve sua publicação proibida foi *A Origem do Menstruo* (1875) pelos mesmos motivos do primeiro: sua linguagem e sua forma de falar sobre erotismo, este também era uma sátira, só que não a outras obras da época, mas aos ideários de beleza, perfeição e amor, por meio da ideologia platônica, a priori, que ancoravam e sustentavam o ideário do romantismo. Esta obra fala de forma diferente sobre o surgimento da menstruação. O eu lírico descreve Vênus, satirizando e humanizando os deuses, visto que coloca-os numa posição de igualdade aos humanos, depilando seu órgão genital, *Stava Vênus gentil junto da fonte fazendo o seu pentelho, com todo o jeito, pra que não ferisse das cricas o aparelho*. (Bernardo Guimarães, *A origem do Menstruo*, 1875, 1º estrofe)

Não é ao acaso que o eu lírico apresenta Vênus como pivô de todo desenrolar da história em *A origem do menstruo*. Segundo dicionário de símbolos, dentre as várias definições para a palavra Vênus encontramos a seguinte, *Enquanto deusa do amor, rainha dos prazeres, também chamada de aquela que ama o gozo e a alegria, seu culto associava-se às prostituições sagradas*. (ibidem, pg. 938) Além dessa definição, segundo a mitologia, Vênus Pandêmia filha de Zeus e Dione teve um caso com seu amante Marte e como podemos observar na citação acima a definição do nome Vênus está vinculado à prostituição sagradas. Portanto, quando o eu lírico mostra Vênus “fazendo seu pentelho,” ele nitidamente satiriza a imagem criada pela história-mítica, afinal está divindade diferente das mulheres do romantismo amava a perdição sexual, e vivia para se deitar com grande parte dos importantes deuses. Por conseguinte, o eu lírico apresenta o órgão genital da deusa como *aparelho*, as definições que encontramos para essa palavra são: *Conjunto de peças, ferramentas, utensílios ou instrumentos, destinado a executar um trabalho ou prestar um serviço*. (Dicionário Michaelis) assim podemos observar que *Vênus* tinha seu órgão sexual como uma ferramenta e com ela prestava um serviço, no caso, dar prazer. No poema podemos perceber que *Vênus* era astuta, pois ela estava com idéia de gerar Enéias na transa com Anquises, como podemos ver no trecho abaixo: *Rapava bem o cú, pois resolvia na mente altas idéias: - ia gerar naquela heróica foda o grande pio Enéias*. (Bernardo Guimarães, *A origem do Menstruo*, 1875, 3º estrofe)

Retomando *O elixir do pajé*, encontramos vários elementos que nos faz pensar que esse poema se sustenta no campo do erótico e não do pornográfico. O primeiro elemento é a função do poema que, como dissemos acima, era satirizar outros poemas indianistas, nestes os índios eram: jovens, cheios de vida. Contrapondo a esse ideário de força e beleza, o pajé bernardiano era um “velho” que não tinha o vigor sexual, *Um pajé sem tesão*, dessa forma, observamos que o poema tinha a função de satirizar o índio apresentado pelo romantismo, mostrar um problema enfrentado pelo pajé e como o elixir o ajudou em sua vida sexual, assim voltamos a teoria defendida por Alberoni(1988) que diferente do pornográfico, o texto erótico sempre tem uma intenção, indo muito além da descrição simples do ato sexual.

As aproximações satíricas ficam evidentes quando Bernardo Guimarães cria sua bebida, o elixir, que devolve força e vigor, como na obra *Iracema*, só que em *Iracema* esta bebida alucinógena tinha função de levar quem a bebesse para um mundo de sonhos em meio às belezas naturais, uma espécie de desprendimento da alma, enquanto que em Bernardo o elixir não tinha funções tão “dignas” assim. Em *Alencar*, o elixir é chamado “o segredo da jurema”, em Guimarães era “o elixir do pajé”, quando se fala de o “segredo” temos o ideário de tradição, algo que não pode ser acessado por todos, ou seja, *Iracema* guardava os segredos, as tradições da grande nação tabajara: - *Estrangeiro, Iracema não pode ser tua serva. É quem guarda o segredo da jurema e o mistério do sonho. Sua mão fabrica para o pajé a bebida de Tupã*. (José de Alencar, *Iracema* 1865, pg. 09). Já em Guimarães a bebida surge de um pacto do velho pajé bandalho com o demônio.

É notável que em *Iracema* a bebida pertence ao universo do segredo, pertence também ao que sagrado e somente ela guardava o segredo de como fabricar essa bebida, enquanto em Bernardo o elixir surge de um pacto com o demônio, lembrando o profano.

Na poesia *A Origem do Menstruo* vemos a profanização da mulher, despindo-a de seu ideal de beleza e de perfeição. Enquanto o romantismo criava mulheres puras e belas, guerreiras e intocáveis o eu lírico, aqui, mostra Vênus, uma deusa da mitologia grega, se preparando para satisfazer sexualmente Anquises, seu amante segundo a mitologia.

Vênus nos é apresentado como aquela que estava para satisfazer o homem, ela apenas queria ser “possuída” pelos deuses do Olimpio como podemos observar. *Este vaso gentil que eu tencionava tornar bem fresco e limpo para recreio e divinal regalo dos deuses do alto Olimpio*. (Bernardo Guimarães, 1875, *A origem do Menstruo*, 18º estrofe) observa-se que o corpo feminino passa a ser o universo do prazer, ao passo em que o eu lírico remete se a “vaso

gentil” para falar do órgão genital da deusa, podemos observar que o formato geométrico de um vaso tem o orifício de entrada redondo, lembrando o ânus e vagina da deusa, além de trata-lo como vaso gentil, ou seja, um vaso que se relacionava bem com todos, afinal, gentil é quem trata bem todos, além de nos remeter a idéia de promiscuidade defendida por Alberoni (1988), afinal no trecho acima o eu lírico apresentados *deuses* dando a idéia de pluralidade. Assim, observamos que o poeta cria símbolos para mostrar o erotismo, diferente da pornografia cuja única função é a vendagem e não existe elaboração, apenas a mera descrição de uma transa, especificamente, da penetração em si.

Em *O elixir do pajé* o eu lírico, assim como em *A origem do menstruo*, apresentam a mulher de forma diferente das obras do romantismo. A mulher aqui era vista apenas com a finalidade de ser um objeto sexual, para mostrar a virilidade do pajé, como podemos observar no trecho abaixo: (...) - *Mas neste trabalho, disse, minha gente, quem é mais valente, mais forte quem é? Quem vibra o marzapão com mais valentia? Quem conas enfia com tanta destreza? Quem fura cabaços com mais gentileza?* (Bernardo Guimarães, 1875, *O elixir do pajé*, 7º estrofe). A mulher aqui é apenas um objeto para que ele prove a todos o seu desempenho, todavia não era tão diferente em Alencar, lá a “mulher como objeto” ficava nas entre linhas, era oferecida aos deuses, mas de forma sutil, enquanto Guimarães opta por mostrar sem nenhuma censura a visão da mulher na obra de Alencar, pois lá, somente a virgem tem bondade, beleza, tem voz, enquanto as outras são meros regalos.

O que demonstra a divinização de Iracema, a partir do prisma da virgindade e sem as palavras vulgares, colocando-a em uma bolha de perfeição. O que Bernardo Guimarães faz é despir esse ideal e retirar o desejo, o índio desse ideal, humanizando-o.

Outro ponto que nos infere sentidos é quando, na 7º estrofe, acima citada, o eu lírico apresenta palavra *Marzapão* em vez de pênis, dentro do trecho do poema entendemos que seu sentido não seja outro, mas assim também observamos que Guimarães elabora uma linguagem para mostrar o erótico, e também o faz com a palavra *cono* cujo sentido segundo o dicionário Michaelis é: *boceta, chavasca, vagina*. Dessa forma aqui também o poeta elabora sua linguagem.

Os poemas têm uma metrificação bastante peculiar, com versos irregulares o eu lírico apresenta vários elementos carregados de erotismo.

*Que tens, caralho, que pesar te oprime
que assim te vejo murcho e cabisbaixo*

*sumido entre essa basta pentelheira,
mole, caindo pela perna abaixo?
Nessa postura merencória e triste
para trás tanto vergas o focinho,
que eu cuido vais beijar, lá no traseiro,
teu sórdido vizinho!*
(Bernardo Guimarães, 1875 1º estrofe)

Como podemos notar acima o eu lírico inicia mostrando qual seria o grande problema enfrentado pelo “velho” pajé: a impotência sexual. Para um leitor qualquer, este trecho já seria o bastante para que todo resto do poema fosse considerado pornográfico, no entanto, podemos notar que o poeta cria com palavras tidas como vulgares para explicar o problema do pajé, palavras como: caralho, pentelheira, fazem parte de um universo erótico criado sobre intenções poemáticas, pois no pornográfico não existe um porque das relações e dos atos.

Durante todo o poema o eu lírico apresenta um ritmo usando palavras como as que vimos acima, não por acaso, mas para explicitar a alegria e a intensidade das investidas sexuais, ou seja, ao ato sexual em si, que se apresenta de forma ritmada e intensa, sendo algo prazeroso e com rapidez. O ritmo, portanto, remete a idéia da intensidade da relação sexual, no ato da penetração.

*E ao som das inúbias,
ao som do boré,
na taba ou na brenha,
deitado ou de pé,
no macho ou na fêmea
de noite ou de dia,
fodendo se via*
(Bernardo Guimarães, 1875, 6º estrofe)

Como notamos acima o ritmo frenético do trecho, remete-nos ao ritmo de uma relação sexual, todavia algumas palavras também nos remetem a alguns sentidos interessantes, tais como: *feitiço* com isso o elixir é visto como uma poção mágica com o poder de revigorar sexualmente qualquer um, logo após temos *chouriço* que significa *Pedaço de tripa, cheio de carne com gorduras, ou sangue de porco e farinha*, dessa forma é notável que o poeta cria uma metáfora para falar mais uma vez do pênis do pajé. Todavia ao usar o chouriço entendemos que, por ser uma comida feita de sangue, o elixir dá vida nova, ou seja, revigora o pulsar do sangue humano. Outro ponto analítico é quando o eu lírico apresenta: *E ao som das inúbias, ao som do boré*, essas duas palavras significam instrumentos sonoros indígenas, o primeiro servia como trombeta de guerra dos índios, dessa forma, entendemos que com o pênis revigorado pelo elixir o pajé novamente estava pronto para o combate sexual. No verso *na taba ou na brenha* temos a referência clara da manifestação sexual em qualquer lugar, pois taba é aldeia, e brenha

mato baixo, em qualquer posição *deitado ou de pé*, em qualquer gênero *no macho ou na fêmea* a qualquer horário, *de noite ou de dia*, o que nos remete que o elixir, composto mágico, não deixa o vigor sexual se esgotar.

Outro ponto de discussão importante para nosso trabalho é quando o eu lírico apresenta nos quatro primeiros versos e quatro últimos da 8ª estrofe, como podemos ver abaixo:

*Se a inúbia soando
por vales e outeiros,
à deusa sagrada
chamava os guerreiros, (...)
(...) e o duro marzapó,
que sempre fodia,
qual rijo tacape
a nada cedia!*

Quando eu lírico apresenta *se a inúbia soando por vales outeiros*, notamos que o pajé era visto, após de ter tomado o elixir, como um guerreiro, este era o guerreiro do prazer, então enquanto grande parte dos autores indianistas apresentavam índios cristianizados e guerreiros que defendiam suas tribos, nosso pajé defendia sua masculinidade. Se buscarmos a definição de *rijo tacape*, encontramos: *rijo*: que não se verga; musculoso, nervoso, robusto, vigoroso. *Tacape*: arma de ataque entre os índios americanos, todavia podemos perceber que o pajé não mais tinha um simples pênis, mas sim uma arma de ataque para as batalhas do prazer.

Notamos que na 6ª e 7ª estrofes o ritmo rápido, faz jus a como eram as transas do pajé, rápidas, sem contar a intensidade e sim quantidade, como numa guerra, cuja a finalidade era abater (transar) a maior quantidade de mulheres possíveis. Portanto, durante todo o poema Guimarães cria metáforas ou palavras significativas para mostrar o erótico, diferente do pornográfico, o poema é bem elaborado para sustentar se mesmo que com pequenas diferenças do pornográfico.

Assim, como em *Elixir do pajé*, em *A origem do menstuo* também encontramos muitas metáforas, símbolos que nos ajudam a entender como Guimarães cria o erótico. Este poema tem versos regulares, sendo 40 estrofes com quatro versos cada. No 5º estrofe do poema temos os seguintes versos:

*Nesse entretanto, a ninfa Galatéia,
Acaso ali passava,
E vendo a deusa assim tão agachada,
Julgou que ela cagava...*
(Bernardo Guimarães, 1875, 5ª estrofe)

Segundo dicionário de símbolos *ninfas* são, *Divindades do nascimento, e principalmente do nascimento de heróis, não deixam de suscitar uma veneração matizada de medo. Raptam as crianças, perturbam o espírito dos homens aos quais se mostram.* (Chevalier e Gheerbrant, 2002, pg.635 e 636). Como podemos observar ninfas eram divindades que eram vinculadas ao medo ao passo que vivia em nascentes e fontes, portanto quando eu lírico mostra *Vênus* junto a uma fonte fazendo seu pentelho, é apresentada a ninfa Galatéia provinda deste lugar, como *era gênio mau* ela apronta com a deusa, assim não é ao acaso que justamente uma ninfa que perturbava, começando a problema central do poema. O eu lírico deixa aparecer à beleza da deusa *Vênus*, ao passo que mostra o horrível acidente, como podemos observar na 7º estrofe.

*Vênus se assusta. A Branca mão mimosa
Se agita alvoroçada,
e no cono lhe prega (oh! Caso horrendo!)
tremenda navalhada.
(Bernardo Guimarães 1875, 7º estrofe)*

É notável que ao apresentar a *branca mão mimosa*, observamos que a deusa era delicada, sensível, assim o poeta não deixa de mostrar a feminilidade da deusa, no entanto, ela era bela e *regateira*, todavia ele cria artifícios, símbolos para tratar o órgão genital da deusa, pois cono segundo dicionário *Priberam*, significa vagina, que por sua vez também era delicada, dessa forma, nota se que mais uma vez o poeta elabora o erótico.

Em seguida outro ponto que podemos observar é na 19º estrofe quando o eu lírico apresenta:

*Ó Deus, se desejais ter foda certa
Vingai-vos e vingai-me!
(idem, 19º estrofe)*

Como podemos notar a deusa ao pedir justiça a Deus mostra que não somente ela seria afetada com aquele acidente, então ele também deveria punir a ninfa Galatéia, portanto, observamos que *Vênus* tinha influência sobre os deuses, através de seu corpo. Como punição ela joga a seguintes pragas na ninfa,

*Ó ninfa, o teu cono sempre atormente
perpétuas comichões,
e não aches quem jamais nele queira
vazar os seus colhões...*

Em negra podridão imundos vermes

*roam-te sempre a crica
e à vista dela sinte-se banzeira
a mais valente pica!*
(ibidem, 20°, 21° estrofes)

Como podemos notar ela começa por metaforizar os termos usando *cono* no lugar de vagina, bem como *perpétuas comichões* no lugar de eterna coceira e, por conseguinte o termo *colhões* no lugar de testículos, assim na primeira estrofe da citação já notamos Bernardo usando termos outros para mostrar o erótico e não somente descrevendo o fato. Na sequência temos o uso do termo *crica* no lugar de vagina e também *banzeira* no lugar de apatia, dessa forma, observamos que até o mais fegoso homem ficaria apático, ao olhar para a vagina da ninfa.

Na 25° estrofe do poema (*A origem do menstruo*) encontramos o eu lírico se referindo a Vênus como *Putá que Pariu*. Segundo o dicionário Priberam, puta significa *Mulher que tem relações sexuais com muitos homens* ao lembrarmos que a *deusa regateira* ficava com vários deuses do Olimpio chegamos a conclusão que o autor apenas usa um termo que definia Vênus, portanto, ele usa um termo pejorativo para descrever a mãe do cupido. Outro ponto que é importante discutirmos é na 30° estrofe quando o eu lírico apresenta o seguinte:

*Já Mercúrio de emplastos se a aparelha
Para a venérea chagas,
Feliz porque naquele curativo
Espera certa a paga....*
(ibidem, 30° estrofe)

Mercúrio segundo a mitologia era apenas um mensageiro, então na era digno de transar com Vênus que apenas se deitava com os deuses, então ele se aproxima com os curativos (emplastos), para ajudar no socorro da *venérea chaga*, querendo ter algo em troca, ao qual podemos pensar que seria também poder ficar com a deusa. *Venérea chagas* segundo o dicionário Priberam é, *venérea doença contagiosa, e chagas ferida*, portanto, o eu lírico apresenta mercúrio tratando o ferimento da deusa como um ferimento contagioso, dessa forma observamos que diferente do romantismo ele aqui cria uma personagem que quebra com todos padrões criados para a mulher romântica, tais como, dignidade, respeito, compromisso, fidelidade.

Em seguida o eu lírico mostra Vulcano, deus do fogo, jogando pragas em Vênus, a qual segundo a mitologia era sua esposa, e como comentamos acima mantinham por parte dela, uma infiel relação. A frente apresenta Marte deus da guerra irmão de Vulcano. Na sequência mostra Juno uma deusa ciumenta, mãe dos dois.

Por fim, Apolo é quem faz o curativo e dá o veredito final, como podemos observar abaixo:

*Para punir tão bárbaro atentado,
Toda humana crica,
de hoje em diante, lá de tempo em tempo,
escorra sangue em bica...*
(Bernardo Guimarães, 1875, *A origem do menstroo*, 39º estrofe)

Não trivialmente Bernardo escolhe justamente Apolo para dar o veredito, pois este era considerado pela mitologia como um dos mais influentes deuses, este proferia leis a todos, assim ele apenas puni as humanas pelos desmandos da ninfa galateia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as leituras teóricas, bem como observar os dois poemas de Bernardo Guimarães, *O elixir do pajé* e *A origem do menstuo* notamos que vários são os elementos que sustentam os poemas no campo do erótico. Antes de chegar a essa afirmação percorremos um árduo caminho entre vários teóricos que foram fundamentais para nossa pesquisa, com esses teóricos chegamos à conclusão que erotismo é dividido por dois modos de velo, o primeiro é o modo feminino de enxergar o erotismo, o outro a forma masculino de encarar o erotismo, e dentro dessa maneira encontramos a pornografia.

Distinguir erotismo e pornografia, dentro da literatura, não é fácil, no entanto podemos concluir que o erótico, é desejo, envolvimento, cheiro, pele, ou seja como a mulher encara uma relação, e não uma relação sexual qualquer, os escritores eróticos sempre criam uma estória que justifica o erótico, este é elaborado e não apresentado ao acaso, enquanto que no pornográfico, existe apenas o contato físico o sexo escancarado, sem motivo algum apenas à vendagem.

No entanto nos poemas corpus de nosso trabalho notamos que o poeta cria artifícios para elaborar o erótico, tais como: metáforas, símbolos, ritmo, rimas e teor cômico; dessa forma ele molda o erótico, mostrando sua real função, satirizar ícones do romantismo, como o índio e como era visto a mulher no romantismo. Bernardo até usa termos vulgares em seus poemas, no entanto o erótico se sustenta, pois na pornografia não existe um porque da estória, enquanto nestes existia intenções.

BIBLIOGRAFIA

GUIMARÃES, Bernardo. *O Elixir do Pajé*. 1875.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Origem do Menstruo*. 1875.

ALENCAR, José. *Iracema*. 1865

ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Tradução de Elia Edel. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 1988. 2º edição.

FRANCONI, Rodolfo A. *Erotismo e Poder na Ficção Brasileira Contemporânea*. São Paulo. Editora Annablume. 1997.

DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e Literatura*. São Paulo. Editora Ática. 1986.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos, (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.)* Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 2002.

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo. Companhia das Letras. 2000.

BOSI, Alfredo. *Historia Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Editora Cultrix. 1994. 42ª edição.

COUTINHO, Afrânio, Co Direção Eduardo de Faria Coutinho. *A Literatura no Brasil. Era Romântica*. Editora Global. 1997. Volume 03.

PIETZSCHKE, Fritz, WIMMER, Franz. *Dicionário Michaelis*. Editora Melhoramentos. 1961.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro. Editora Itatiaia Ltda. 1993.

MORAES, Eliane Robert. *O efeito do Obsceno*. São Paulo. Publicado na Revista Cult, Ano III, nº 30. 2003.

TEIXEIRA, Glauciane Reis. *“Elixir do Pajé” e “A origem do Mênstruo”: a Omissão da Historiografia Literária*. Rio Grande do Sul. 2009.

SOUZA, de Tatiane Reis Dias. *A representação erótica do índio no poema Elixir do pajé, de Bernardo Guimarães*. Belo Horizonte. Volume 03. 2010.

WEB REFERENCIA

<http://www.priberam.pt/dlpo/>

<http://michaelis.uol.com.br/>